

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Ópera Urbana (OPCN / OPSESCSP)

Uma avenida urbana

História de [Patrícia Fernandes Fonseca](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 24/09/2009

Projeto Opera Urbana
Entrevistado por Danilo Eiji Lopes
Depoimento Patrícia Fernandes Fonseca
Local São Paulo, 05/08/2009
Realização Museu da Pessoa
Depoimento OPSESCSP_CB002
Transcrito por Maria da Conceição Amaral da Silva

P – Bom dia Patrícia. Inicialmente eu gostaria que você falasse seu nome completo, a data e o local de nascimento.

R – Meu nome é Patrícia Fernandes Fonseca. Hoje é dia cinco de...

P – Não, o seu dia de nascimento.

R – 13 de abril de 1957.

P – Aqui em São Paulo?

R – São Paulo.

P – Patrícia. Primeiro eu queria que você me contasse qual é a sua relação com a Avenida Paulista?

R – A minha relação com a Avenida Paulista é de amor, de saudades, e até, gozado, de saudades de um tempo que eu nem vivi. Ela tem história e tem pedaços da história que já se foram. Sempre morei aqui na região. E morei na Rua Maria Figueiredo. Então andava aqui na adolescência, ainda ando. E lembro de casarões que já não existem mais. E isso me traz saudades. Eu vejo até a foto de um casarão dentro de um hall de um prédio. Só sobrou uma foto. E para mim isso é, é ruim. Mas eu lembro curtindo assim essa lembrança gostosa, desse tempo romântico, dessa arquitetura maravilhosa que já não existe. Quando eu vejo a Casa das Rosas ou, também me remete à lembrança desses casarões que ainda alguns existem ainda. E é bom que ficaram alguns. Pouquíssimos, né? Da casa do Matarazzo que só sobrou o estacionamento, vi toda a demolição. Então essa coisa humana, essa ligação está se perdendo. Eu tenho muito medo do, desse o acabar. Eu moro na Vila Mariana, ainda tem algumas casas antigas. Eu vejo também elas sendo destruídas. E às vezes eu resgato em desenho porque eu sei que aquela antiga vai ser um dia demolida. E vai se construir uma arquitetura cubo, sem expressão nenhuma. Sem alma.

P – Patrícia, deixa eu perguntar uma coisa, que você comentou. Que você disse que passava a sua adolescência aqui, né?

R – Isso.

P – Hoje eu olho para a Paulista e ela está assim, né? Um monte de bancos, cinemas. Como que era essa Avenida Paulista na sua adolescência?

Como que era aqui?

R – Ela já era meio isso. Mas eu estou até lembrando um pouco, um pouco antes na infância, que eu passava de carro, ela tinha árvores no meio. Ela era mais arborizada. Já era um pouco isso e só aumentou os prédios. Já era bem urbaninha assim, bem prédio.

P – Qual era a diversão de vocês aqui na Avenida Paulista na adolescência?

R – Olha, eu, a minha diversão, eu curto andar na calçada, essa sensação. Acho que também eu sentia isso. Que eu andava meias três quartos. Da música da Cássia Eller eu era a adolescência que tinha uniforme xadrez, meia três quartos. Andava com as minhas amigas, rindo. Era aquela coisa mais descontraída, que hoje acho que pela violência você fica mais ligada. Mas eu tento sempre relaxar para sentir essa sensação que ainda eu tenho andando. Agora eu estava com o cabelo molhado, estava secando na Paulista e estava pensando: "Ai como é boa essa sensação" uma coisa assim, procurando esse elemento ainda que tem de natureza. E observando coisas, as reformas que foram feitas. Ainda ela é bela. Ela é outro estilo, outra época.

P – E nesses casarões tinham famílias morando? Como era?

R – Ai, acontece uma coisa muito legal. Um dia eu conversei com uma pessoa, uma senhorinha. E ela viveu num tempo que eu não vivi. E ela me passou a informação que as casas, antigamente, quando ela andava, no tempo dos casarões mesmo aqui, né? Acho que nem tinha asfalto. Ela ouvia sons de piano. E isso me deu uma emoção que eu falei: "Nossa, que lindo que era isso." Que eram as mulheres que ficavam. Eram as filhas. Eram, as mulheres tocavam piano, e tinham aula de piano e tinham que ficar estudando piano. Então ela sentia, ela andava nos casarões e ouvia as músicas, as pessoas tocando piano, sabe? Era muito legal. Devia ser muito legal esse tempo.

P – Patrícia, pra...

R – E eu tenho uma foto da Paulista antiga, que eu comprei. Está no meu ateliê e eu adoro. Quem sabe eu já vivi também nesse tempo mais antigo ainda. Fala.

P – Patrícia, só para a gente terminar. Alguma história que tenha sido muito marcante aqui na avenida, sua, pessoal, sua.

R – Ah, eu não tenho uma marcante. Eu tenho essa relação do amor. Eu sou urbana. Hoje eu tenho uma casa de campo que eu pensei que eu ia morar na casa de campo, eu não consigo, sabe? Eu amo a Paulista, andar nela.

P – Obrigado.

FIM DA ENTREVISTA